Trabalhadores e sindicatos de Myanmar nas linhas de frente da luta contra o golpe

Via International Viewpoint

No final da noite de sexta-feira, 26 de fevereiro (horário local), os militares de Myanmar declararam ilegais na televisão pública a maioria das organizações trabalhistas do país, com a ameaça de prisões se suas atividades continuarem, aumentando a urgência das atividades de solidariedade internacional.

Em 1º de fevereiro, os militares de Myanmar encenaram um golpe e tomaram o poder do governo civil eleito sob o pretexto de uma suposta fraude eleitoral. Os líderes do golpe de Estado detiveram os principais líderes e ativistas do governo, bloquearam a internet e suspenderam os vôos. Isto marca uma virada sombria e incerta na experiência de uma década de democratização parcial no país.

O golpe ameaça reverter os ganhos de Myanmar em direitos democráticos. Um forte movimento trabalhista vem sendo construído há uma década através da luta militante dos trabalhadores das fábricas, preparando-os para uma forte exibição na atual revolta. Com base nas greves crescentes dos trabalhadores dos setores público e privado nas últimas três semanas, as greves gerais desde 22 de fevereiro estão agora oferecendo a melhor esperança de resistir ao golpe e de construir um movimento trabalhista mais forte além.

A revolta dos trabalhadores

Logo após o golpe, surgiu um movimento maciço de desobediência civil, com frente e centro de trabalhadores e sindicatos. Em uma das primeiras mobilizações, trabalhadores médicos de mais

de 110 hospitais e departamentos de saúde em 50 municípios de Myanmar estiveram entre os primeiros que se levantaram e entraram em greve, dois dias após o golpe. Em um hospital do governo, 38 de 40 médicos e 50 de 70 enfermeiros entraram em greve.

“Não há como trabalhar sob uma ditadura”, disse o Dr. Kyaw Zin, um cirurgião que liderou uma das primeiras greves. “Tenho certeza de que podemos derrubar o regime”. Nunca voltaremos ao trabalho até que [o General Sênior Min Aung Hlaing, o líder do golpe] se demita. Ele não tem o direito de nos dizer para virmos trabalhar, porque ninguém o reconhece como líder”.

As federações sindicais se mobilizaram rapidamente. A Confederação dos Sindicatos de Myanmar (CTUM), a maior federação sindical de Myanmar, convocou a primeira greve geral em 8 de fevereiro. Apesar das ameaças de prisão e das crescentes táticas repressivas do governo, trabalhadores de uma ampla gama de setores, incluindo coletores de lixo, bombeiros, trabalhadores da eletricidade, funcionários de bancos privados e trabalhadores do vestuário iniciaram ondas de greves, e muitos se juntaram às manifestações de rua.

Os professores se juntaram rapidamente ao movimento com seus alunos. Sete sindicatos de professores, incluindo a Federação de Professores de Myanmar, com 100.000 professores, que cobre o ensino primário e superior e escolas monásticas, anunciaram paradas de trabalho.

Os jornalistas, também, têm abandonado o trabalho. Em resposta ao golpe e às ameaças à liberdade de imprensa, membros do Conselho de Imprensa de Myanmar e mais de uma dúzia de jornalistas do The Myanmar Times se demitiram.

É importante destacar que funcionários de governos municipais e dos ministérios do Comércio, Eletricidade e Energia, Transportes e Comunicações, e Agricultura, Pecuária e Irrigação aderiram às ações de greve, deixando muitos

departamentos desertos na última semana. As ações trabalhistas atingiram com particular intensidade no setor de transportes. De acordo com um funcionário das Ferrovias de Myanmar (MR), 99% dos funcionários ferroviários estão em greve, levando a uma paralisação dos serviços ferroviários.

Os trabalhadores em greve conseguiram fechar a Empresa de Petróleo e Gás de Myanmar, controlada pelos militares, a Myanmar National Airlines, minas, canteiros de obras, fábricas de vestuário e escolas, criando custos econômicos para os governantes militares. Aos trabalhadores se juntaram os consumidores boicotando os extensos interesses comerciais dos militares em produtos alimentícios e bebidas, cigarros, a indústria do entretenimento, provedores de serviços de internet, bancos, empresas financeiras, hospitais, companhias petrolíferas, e mercados atacadistas e de varejo.

Os militares responderam com repressão. Trabalhadores e estudantes foram presos por participarem dos protestos pacíficos, e os militares começaram a usar força letal, já matando três.

Os trabalhadores do vestuário abriram o caminho

A militância dos trabalhadores de Myanmar tem sido construída ao longo de vários anos. Como o país se abriu ao investimento estrangeiro direto há quase uma década, o governo concordou com grandes reformas na legislação trabalhista, legalizando os sindicatos e codificando os direitos trabalhistas na Lei de Organização do Trabalho de 2011. Também incorporou mecanismos de resolução de disputas trabalhistas em sua Lei de Solução de Disputas Trabalhistas de 2012.

Entretanto, os ativistas trabalhistas de Myanmar argumentaram que as leis procuram canalizar trabalhadores para caminhos legais que são muito menos poderosos do que suas ações militantes em massa para exigir melhorias reais nas duras condições de trabalho e o baixo salário mínimo, que atualmente

é de 4.800 kyats (US$ 3,26 por dia).

Uma onda de greves militantes varreu o setor de vestuário em 2019 para exigir salários mais altos e condições de trabalho mais seguras. A indústria de US$ 6 bilhões, que emprega 700.000 trabalhadores na sua maioria mulheres, fornece marcas globais como H&M, Zara, C&A, entre outras. Foi responsável por 30% das exportações de Myanmar naquele ano, contra 7% em 2011, quando as reformas democráticas do país começaram.

“Quando uma greve acontece, outros trabalhadores vêem que a greve funciona”, disse Daw Moe Sandar Myint, líder da Federação de Trabalhadores do Vestuário de Myanmar e ela mesma uma ex-trabalhadora do setor de vestuário, descrevendo a onda de greve no setor de vestuário. “Eles vêm a conhecer o gosto da greve, e é um bom gosto. A greve também lhes dá o sindicato”.

Mas o início da Covid foi um revés para as lutas sindicais militantes, interrompendo a onda de greve e a crescente sindicalização no setor. Os empregadores aproveitaram as interrupções comerciais causadas pela pandemia para prender os sindicatos, despedindo seus membros.

As exigências dos trabalhadores das fábricas por um aumento do salário mínimo e condições mais seguras também foram ignoradas, e eles sofreram cortes salariais ou atrasos no pagamento dos salários. Muitos lutaram contra, apesar das condições de organização mais difíceis; trabalhadores de várias fábricas entraram em greve no início da pandemia para receber seus salários não pagos e indenização por sua demissão.

Por exemplo, em março de 2020, a fábrica de vestuário Myan Mode despediu permanentemente todos os 520 membros do sindicato e reteve seus salários, citando a Covid, enquanto mantinha seus 700 trabalhadores não sindicalizados. O sindicato organizou protestos e conseguiu assegurar o salário

retido para os trabalhadores demitidos.

Apesar dos contratempos durante a pandemia, quando os militares de Mianmar se moveram para minar a democracia, muitos trabalhadores do vestuário sentiram que já tinham tido o suficiente e estavam prontos para uma luta. “Os trabalhadores já estavam irritados, já estavam ativados”, disse Daw Moe Sandar Myint, que tem estado na linha de frente do movimento contra o golpe. “Um sentimento familiar de sofrimento havia retornado e eles não podiam ficar em silêncio”. Esta raiva empurrou-a e a muitos outros para liderar os trabalhadores da fábrica no movimento.

Os trabalhadores do setor de vestuário foram dos primeiros a chamar para protestos de rua e a se mobilizar na rua, apesar do aviso severo dos líderes golpistas. Isto ajudou a aumentar a confiança do movimento de desobediência civil. Como enfatiza Andrew Tillett-Saks, um organizador sindical baseado em Mianmar, “A visão dos trabalhadores industriais, em grande parte jovens, trabalhadoras do vestuário, parece ter inspirado profundamente o público em geral, derrubou parte do medo e catalisou os protestos maciços e a greve geral que estamos vendo agora”.

“Trabalhadores e sindicatos são a principal força do movimento em Yangon [a maior cidade do país]”, concordou o ativista de direitos humanos e trabalhista Thet Swe Win. “Como há muitos milhares de trabalhadores das fábricas, suas reuniões nas ruas vão receber muita atenção do povo.

“Eles estão correndo muitos riscos para tomar este tipo de ação”, disse ela. “Muitos dos líderes trabalhistas já foram demitidos antes. Eles têm sido oprimidos pelo governo e pelos donos das fábricas. Eles são muito vulneráveis, mas são muito dedicados”.

Por seu papel na mobilização e liderança dos trabalhadores do vestuário no movimento de desobediência civil, a casa de Daw

Moe Sandar Myint foi invadida em 6 de fevereiro. Ela conseguiu evitar a prisão, e miraculosamente continua a liderar protestos durante o dia. Mas à noite, ela tem que se esconder das autoridades à sua procura.

A participação organizada dos trabalhadores e seus sindicatos, tanto no setor público como no privado, é um dos fatores mais cruciais que impulsionam o movimento de desobediência civil e determinam o futuro de Myanmar.

Tillett-Saks apontou que o movimento de desobediência civil tem sido liderado principalmente por funcionários do governo e trabalhadores do setor de vestuário no setor privado. Ele acredita que eles são a última linha de defesa contra a ditadura militar. As greves gerais mais recentes desde 22 de fevereiro tiveram a participação de trabalhadores de um espectro maior da sociedade de Myanmar. O desafio continua sendo expandir ainda mais a militância dos trabalhadores e aumentar as ações de greve entre mais trabalhadores do setor privado e trabalhadores não sindicalizados.

Por que a solidariedade internacional é importante

Diante da crescente repressão dos militares – incluindo a emissão de mandados de prisão para oito líderes da CTUM no início desta semana – a pressão internacional é mais urgente do que nunca para proteger os direitos democráticos dos trabalhadores e seus sindicatos.

“O apoio internacional significa muito para nós”, disse Thet Swe Win. “Ele nos ajuda a sentir que não estamos sozinhos, e a saber que há pessoas lá fora apoiando nossa liberdade e nossa liberdade”.

Grupos trabalhistas e de direitos humanos organizaram protestos fora das embaixadas de Myanmar e emitiram declarações de solidariedade condenando o golpe na Tailândia, Japão, Hong Kong, Taiwan, Camboja e Filipinas, entre outros lugares.

Fundo de greve

Trabalhadores e sindicatos podem contribuir para um fundo de greve que foi criado para apoiar os sindicatos de trabalhadores de Mianmar. Agora é o momento de aplicar a pressão direta que é necessária para forçar os militares a recuar.

Não é difícil entender por que o movimento encontrou ressonância e desencadeou uma tal efusão de apoio na região. Os manifestantes em outros países expressam solidariedade, dado o desafio comum do governo antidemocrático e da repressão contínua contra os sindicalistas e grupos da sociedade civil. Lugares como Hong Kong e Tailândia têm visto recentemente seus próprios movimentos de protesto democráticos de massa.

Kamz Deligente do Centro Sindical e de Direitos Humanos das Filipinas, que tem feito campanha contra ataques violentos a sindicalistas no país, disse: “O povo filipino também pode se identificar com a luta de Myanmar, pois nosso governo atual, especificamente o Poder Executivo, é dominado por militares aposentados e dirige o país sob uma lei marcial de facto. Isto contribuiu muito para a intensificação dos ataques contra ativistas e críticos de Duterte e sua administração”.

Trabalhadores imigrantes

Muitos países da região também estão ligados através de trabalhadores migrantes de Myanmar que trabalham em fábricas, construção civil, pesca e outros setores. Na Tailândia, algumas dezenas dos estimados três a quatro milhões de trabalhadores migrantes de Myanmar protestaram em frente à embaixada de Myanmar nos dias imediatamente após o golpe. No Japão, centenas de trabalhadores de Myanmar também realizaram um protesto fora do escritório das Nações Unidas.

Em Taiwan, cerca de 400 imigrantes de Myanmar se reuniram para condenar o golpe militar na cidade de Nova Taipei, onde muitos deles vivem. Lennon Ying-Dah Wong, da Associação Servir ao

Povo, que trabalha com trabalhadores imigrantes, advertiu, “Uma ditadura governada pela notória Junta poderia abraçar uma política de exportação de imigrantes para espremer as taxas e remessas de seus cidadãos que são forçados a ir ao exterior para trabalhar, mas também negligenciar totalmente seus direitos”. Se isto acontecer, colocará em perigo os direitos e o bem-estar não só dos trabalhadores migrantes birmaneses, mas também de todos os trabalhadores migrantes e também dos trabalhadores taiwaneses”.

Pressionar as marcas

A Federação dos Trabalhadores Industriais de Myanmar, o maior sindicato de trabalhadores do vestuário do país, apelou aos sindicatos globais para pressionar as marcas que fazem negócios em Myanmar a condenar o golpe e cortar os laços com as empresas que beneficiam os interesses dos militares. Também apelou para que os trabalhadores sejam protegidos contra o despedimento por protesto.

Dez sindicatos internacionais representando 200 milhões de trabalhadores apelaram aos sindicatos em todo o mundo para que aumentem a pressão sobre governos e corporações para que visem os interesses comerciais dos militares de Myanmar.

Para os sindicatos e trabalhadores dos Estados Unidos e de outros países, construir solidariedade concreta com os trabalhadores de Myanmar significa responder ativamente a tais chamadas, emitindo declarações para condenar o golpe, pressionando as empresas que fazem negócios em Myanmar a fazer o mesmo, e pedindo aos empregadores que rompam quaisquer laços em suas cadeias de fornecimento com os interesses comerciais das forças armadas.

Os trabalhadores em Myanmar demonstraram que as ações diretas são poderosas e funcionam. Seja organizando e engajando-se em greves militantes em seu local de trabalho, seja abandonando seus empregos e juntando-se a manifestações de rua, eles estão

lutando para defender seus direitos democráticos e ganhar uma vida melhor para os trabalhadores no país e ao redor do mundo. Eles precisam – e merecem – nosso apoio.